

Silêncio e dor entre literatura e arte contemporânea

Prof. Dr. Wilton Garcia¹ (UNISAL)

RESUMO: As exposições *Sob neblina [em segredo]*, de Marila Dardot, e *A dor da Colômbia*, de Fernando Botero, são instrumentos de estudos comparados entre arte contemporânea e literatura na América Latina. Realizadas em 2007 na cidade de São Paulo, ambas exposições discutem políticas da memória e do esquecimento em que coabita a violência. Além disso, elas destacam delicadas expressões de silêncio, mistério, tristeza e dor. Neste caso, imagem, experiência e subjetividade são elencadas como categorias críticas, que se inscrevem de modo diluído no desenvolvimento deste texto, ao relacionar a noção de corpo e sua estratégia discursiva. Aqui, os estudos contemporâneos contextualizam uma abordagem conceitual-metodológica e, com isso, utilizo o trabalho teórico de Terry Eagleton (2003 e 2005).

PALAVRAS-CHAVE: arte – literatura – estudos contemporâneos

Introdução

Silêncio e dor são expressões sensíveis e complexas que, ativadas pela memória cultural, formam uma aguda lembrança impregnada de pressão e sofrimento. Trata-se de duas dimensões instigantes que atestam aspectos humanos e a manifestação identitária do corpo em diferentes vertentes, cujo desafio projeta um enorme leque de transversalidades e representações. Paradoxalmente, silêncio e dor retêm indicações socioculturais e identitárias quando são impedidos, apagados, violentados.

Ainda hoje, a opressão que assola a humanidade produz cenas desagradáveis e impedem a liberdade. A vida contemporânea acompanha o mercado de consumo e parece abandonar o (re)canto da individualidade. Abordo uma opressão, neste espaço de debates e desafios, que apaga e esconde a figura humana diante da plasticidade do consumo. Falo daquilo que a mídia divulga, sobretudo no âmbito da América Latina. E esse seria um problema entre outros tantos. Por exemplo, legitima-se a vivência urbana em razão da falta de segurança pública ou insensatez política dos governantes.

Já ouvi por aí que “não há silêncio que perdure, nem dor que se acalme”, e, com isso, fica a idéia inquietante de pensar uma morada que possa coabitar a felicidade. Desta forma, pergunto: Por onde vaza a impressão ambígua que destoa e, ao mesmo tempo, relaciona silêncio e dor na contemporaneidade? Como esclarecer um contexto que emerge de dificuldades? Qual percurso deve-se explorar como proposta de diversidade cultural/identitária? Que tipo de texto literário está comprometido com uma ação sociocultural? O que se pode refletir com tais questões a partir do contexto da literatura?

As perguntas são muitas e abrangentes, embora as respostas nunca organizam um sistema fechado. Eminentemente, para o desenvolvimento de uma argumentação crítico-conceitual, na atualidade, evocam-se estratégias que registram e enunciam as artimanhas provocadas por silêncio e dor. A lógica, portanto, seria tentar (re)configurar as interpelações poéticas que (re)ajustam essa comunhão na sociedade.

Tanto na arte quanto na literatura, silêncio e dor condensam e deslocam, sensivelmente, a informação. Considero isso um estado de *pós-(des)construção* (Garcia, 2006); ou seja, a noção preliminar de uma constante transformação daquilo que possa

¹ Centro Universitário Salesiano – Unidade Sagrado Coração de Jesus.

estar por vir e não, necessariamente, do que já está pronto para ser consumido, ingerido, engolido. Da literatura à arte (e/ou vice-versa), mais vale o processo criativo, pois nessa *pós(des)construção* o indivíduo (leitor, autor, espectador) realiza sua pulsão imaginativa. É diante dessa noção de *pós(des)construção* que a imaginação deixa fluir.

Os campos de arte e literatura alicerçam um olhar oscilante e comparativo sobre a dinâmica que, paradoxalmente, explora as vertentes de criação. Elaborar um objeto/produto toma um *status* crítico-conceitual. O encontro que se estende entre arte e literatura pode ser um fecundo território de ações (inter)subjetivas para se pensar uma expressão artística em prol da literatura, ainda mais no contemporâneo. Assim, também, pode ser (inter)mediado a eficaz literária a favor da arte contemporânea.

Ao alcance de constituir “novas/outras” possibilidades de criação, trocas de papéis fortalecem enlaces (inter)subjetivos, híbridos, os quais esboço com a leitura descritiva acerca dos trabalhos expositivos *Sob neblina [em segredo]*, de Marila Dardot² e *A dor da Colômbia*, de Fernando Botero³. Essas exposições são instrumentos de estudos comparados entre arte contemporânea e literatura na América Latina. Realizadas em 2007 na cidade de São Paulo, ambas exposições discutem políticas da memória e do esquecimento em que coabita a violência. Além disso, elas destacam delicadas expressões de silêncio, mistério, tristeza e dor.

Neste caso, imagem, experiência e subjetividade são elencadas como categorias críticas, que se inscrevem de modo diluído no desenvolvimento deste texto, ao relacionar uma noção de corpo e sua estratégia discursiva. Da voz obtusa ao deslancar de um refrão singular, traços de silêncio e dor formam profundas reiteraões humanas elencadas à imagem do corpo. Mais que intermediar uma condição adaptativa, falo de um corpo (inter)subjetivo que carrega consigo as anotações contundentes, as quais afinam um território de possibilidades inerentes ao debate conceitual, crítico, exploratório, investigativo (Garcia, 2005).

Observa-se que:

No mundo pós-moderno, cultura e vida social estão, uma vez mais, intimamente ligadas, agora, porém, através da estetização dos bens de consumo, da política como espetáculo, do estilo de vida consumista, da centralidade da imagem e da integração definitiva da cultura na produção geral de bens. A estética, que começou por ser um termo para designar a experiência quotidiana da percepção e só mais tarde se especializou na arte, descreve assim um círculo completo, reencontrando a sua origem mundana, tal como dois dos sentidos de cultura – as artes e a vida comum – se haviam fundido em estilo, moda, publicidade, meios de comunicação e coisas semelhantes (EAGLETON, 2003, p.45-46).

Aqui, os estudos contemporâneos contextualizam a abordagem conceitual-metodológica e, com isso, utilizo o trabalho teórico de Terry Eagleton (2003 e 2005). Efetivamente, o contemporâneo reveste-se de atualizações conceituais – em especial atrelados à arte e à literatura. Os estudos contemporâneos fomentam intercâmbios discursivos, que ressaltam as malhas (inter/trans)textuais – estabelecidas com pela fusão teórica e investigativa das novas tecnologias e os estudos culturais – estendidos em

² Essa artista plástica, mineira, é um nome emergente nas artes plásticas, que em 2006 participou da 27ª Bienal de São Paulo e tem realizado várias exposições no país e no exterior.

³ O artista plástico mexicano é reconhecido internacionalmente, sobretudo com ao pintar corpos de formas gordas.

constante transformação. Na expectativa de uma organização sistêmica que posicione esses estudos, passo a descrever uma escritura intertextual que (re)direciona silêncio e dor na ordem (dis)juntiva entre arte e literatura.

É um mapeamento para (re)visitar os critérios delimitados pelo sistema dominante, em que emergem como sistematização discursiva. Da manifestação do objeto à sua recepção, a lógica dos estudos contemporâneos sistematiza a acoplagem sensível com o mundo (idem, 2005). Com efeito, o desdobramento desta proposta pesquisa a base conceitual (transdisciplinar) dos estudos contemporâneos, que se organiza mediante a produção de atualidades. Este desdobramento vasculha uma (re)dimensão teórica e política, associada ao sistema flexível da linguagem. Denomina-se e reconhece a linguagem que se estratifica pela fruição híbrida entre cultura e representação.

Realizadas essas considerações preliminares passo a abordar dois tópicos distintos que se complementam: *Um silêncio da literatura à arte* e *Uma dor da arte à literatura*. A aproximação que entrecruza literatura e arte, antagonicamente, enfatiza o diálogo entre ambas e objetiva atualizar-se perante a produção cultural contemporânea.

Um silêncio da literatura à arte

Por favor, que ninguém duvide: silêncio emana concentração e repouso. É um fio único de leveza. A velocidade das coisas torna-se equidistante, uma vez que o silêncio faz parar a gira do mundo. O descanso do silêncio produz paz à vida. Mais que isso, enuncia a extensão intrínseca do corpo, pois sua natureza requer pausa e reflexão. O interior humano, então, pode ser tocado por um sensível firmamento.

O silêncio, na verdade, gera resultados e pode ser uma calma que intensifica contribuição ao efetivo de um ato perceptivo. Na calada da cena, esse silêncio faz ressaltar o inusitado da expressão discursiva. Silêncio que paira a vida para observar as enunciações do universo. O abandono da fala permite um outro modo de ver/ler as coisas – resignação. Neste contexto, imagem, experiência e subjetividade estratificam possibilidades inerentes ao silêncio no contemporâneo.

Um silêncio que possa surgir da literatura à arte deve conter sua máxima expressão representacional de aquisição incomensurável. Algo que não se esgota, é claro, e poderia deixar o observador em brando estado de silenciamento e/ou levitação. Da literatura à arte, a palavra tomada emprestada pelo código visual transforma-se em imagem potente. Sua precisão verbal rearticula-se aos deslocamentos não-verbais que a arte propõe para extrapolar o lugar da literatura. Adentrar à arena do texto requer desenvoltura como quem navega sobre um deleite.

A obra *Sob neblina – em segredo*, da artista Marilá Dardot, aproxima literatura e arte para atingir os desafios inebriantes do silêncio. Trata-se de uma instalação inédita realizada recentemente (em abril de 2007), no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) de São Paulo. É um *site specific* concebido exclusivamente para aquele local – o cofre no subsolo do prédio da Instituição.

Na primeira frente da porta, a artista escreve:

*Para que ninguém possa ver
no fundo de mim
e da minha última vontade
por isso inventei o longo,
luminoso silêncio*

É um prelúdio de frases transparentes que anuncia o ato inventivo da artista. Essa frase inicia o percurso e demonstra o que o visitante pode obter ao atravessar cada etapa para (des)cortinar a obra. Ela qualifica o silêncio na sua intensidade luminosa, o qual reverbera uma poética contingencial de interstícios ao (re)compor uma perspectiva humanista. A experiência do público completa o escopo da artista.

As amarrações da instalação expositiva utilizam-se de características do próprio lugar em que se insere, ao eleger a passagem paralela às paredes do cofre do CCB. O trabalho explora de forma espacial e sensorial uma menção de silêncio, mistério, segredo que se acoplam para produzir imagens – imagens tradutoras da imaginação. Neste espaço alternativo, a proposta de tematizar o silêncio na arte ocorre na (dis)junção com a literatura. Arrisco dizer que a literatura é um elemento recorrente nos trabalhos artísticos de Dardot. A forte presença da literatura, aqui, registra o *modus operandi* da artista, ao lidar com uma fecunda manipulação da escrita.

Para explorar as resultantes deste *site specific*, o visitante, obrigatoriamente, deve caminhar pelo espaço octogonal em sentido horário, regular, da esquerda para a direita. Esse espaço expositivo foi dividido em 8 câmaras separadas por portas de vidro jateado, em que são inscritas frases colecionadas pela artista há anos. A série de 8 unidades transforma o lugar em (re)agrupamentos provisórios (parciais) de paragem e reflexão. Endossa-se um caminho de expectativas intrínsecas. Algo que constitui e acentua delicadas proposições enigmáticas.

O percurso organiza-se em um corredor de paredes brancas e as portas, que dividem, intercalam o espaço. Ao seguir o formato circular do corredor, o visitante contorna o ambiente e entra em uma câmara desocupada à circulação. O público passa várias portas até chegar à área central do cofre. Este último está fechado por um vidro que parece representar algo – talvez, um segredo intocável, inviolável. Nota-se: o próprio espaço de exposição vira laboratório de criação, que estrutura diferentes propostas artísticas.

Já as frases são textos poéticos retirados de livros selecionados por Dardot, os quais remetem à idéia de um segredo que pode se (re)velar, paulatinamente, aos poucos. A artista distribui suas metas em uma investigação artística acerca da linguagem, da composição, do processo de criação, significados e constituição dessas palavras. Ela acaba criando um território artístico de acessos um tanto quando marcado por desbravamentos literários.

Conforme observa a escrita da obra:

Então calar:
usar
Um silêncio
Artifício

É um saudável convite ao exercício do pensar: parece um jogo de estratégias e combinações, em que a artista compartilha com o público suas anotações particulares. É preciso um esforço para realizar a leitura, pois como obra de arte a proposta está aberta à discussão. Portanto, propõe-se aqui uma possibilidade de leituras entre outras tantas que possam ser geradas.

Esse ambiente expositivo e, ao mesmo tempo lugar de reflexão íntima, se intensifica pela maneira como Dardot desenha a luz no espaço. Confesso que nem tudo é tão fácil e legível à apreciação. Nem sempre há uma fluidez na leitura em razão do reflexo da iluminação, que pontualmente direciona o caminho, onde necessário for – do

óbvio ao obtuso. No início, os compartimentos são mais claros e segue, aos poucos, deixando mais obscuro no final do trajeto.

Em todas as frases, o silêncio torna-se um tema recorrente. E percorrer a instalação assemelha-se a passar por uma publicação, levantando a literalidade da expressão dos códigos intersemióticos como tentar, metaforicamente, “atravessar as páginas” de um livro. Ao redimensionar o formato do livro e sua escritura enunciativa, ver/ler as palavras e, conseqüentemente, abrir a porta implica avançar uma etapa – como se fosse mais um degrau experienciado. É um vivenciar que expressa a passagem, em transformação. A obra cria um percurso existencial para o vazio – o nada que gera uma busca pela conquista. E as portas funcionam como intervenções, estabilidades; ou ainda, páginas de uma obra literária.

A penúltima porta anuncia

*Em tempos de silêncio generalizado
conformar-se com a mudez
dos outros
é certamente
culpável*

Nesta emblemática versão contemporânea, a artista, de fato, propõe um bom exercício de silêncio em exposição. Talvez tenha também aí uma alusão à caverna de Platão, que esbarra pelo caminho, entre as portas, e se efetiva num silêncio progressivo, introspectivo, criativo. De um lado, não se trata de previsões, mas de estímulos à descoberta interior e toma uma mensagem que cada visitante considera essencial para ser compartilhado. Por outro, incita o desaparego de uma suposta verdade. A obra realça com vitalidade a incessante procura, que pode acontecer pela pausa do silêncio.

Dardot elabora uma poética de empréstimos em um intenso diálogo da literatura com a arte, pois livros, autores e pensamentos (re)apropriados fortalecem as referências permanentes de sua obra. Adquirir o melhor de cada um faz parte deste contexto. Essa relação se efetiva pela necessidade de uma ritualização criativa da leitura do público durante o percurso. Aconselha-se uma imersão para saborear as idéias. Cada porta ou cada frase promove um instante afetivo e generoso ao debate.

Uma dor da arte à literatura

Cabe a dor ser representada com a profundidade do traço rechaçado pelo limite horrível da autoridade? Não é possível haver qualquer tipo de sutileza quando se deve assimilar as faculdades cognitivas da dor, muito menos ao expressa-la a partir do corpo. Vestígios de dor provocam situações desagradáveis. Como digerir uma atração amarga dessa dor que tange a experiência humana? Como prever o impacto que possa assombrar os limites da impunição? Na contemporaneidade, crimes são feitos sem a expectativa de cumprir justiça ou obter castigo. Sabe lá como atenuar nas artes a dor causada pela violência do mal. As conseqüências são graves, mas nem sempre banidas. Mas afinal, e a justiça?

Tamanho é o estrago feito pela dor da violência que o trauma afeta a lembrança. Isso marca resíduos na memória que podem ser traduzidos por amarras de uma escritura visual. O terror assombra as cavidades da palavra quando demonstra imagetivamente, em tempo presente, uma situação conflitante, no cotidiano ou o seu resgate pelas artes. Neste caso, a literalidade da imagem endossa e substitui uma escrita diante da força cravata pelo trauma ocupado pela dor. Tudo isso deixa as pessoas inquietas e está longe

da idéia de uma arte que catalisa e produz prazer e/ou contemplação. Neste contexto, imagem, experiência e subjetividade estratificam as possibilidades inerentes à dor no contemporâneo.

Uma dor que possa surgir das (re)configurações da arte, talvez, não possa conter a adequada (ou exata) representação na literatura, pois a avalanche de informação provoca um rompimento de expressão incomensurável. A impressão da dor não pode ser meramente medida por uma manifestação qualquer. Algo incalculável que, também, não se esgota – como o silêncio – e poderia deixar o observador atônito ou seja, em estado de vibração visceral. Da arte à literatura à arte, a imagem vasculha os estilhaços empregados pela sensorialidade da dor. Fica na memória a lembrança traumática do fato aguçado, marcado de energia, que deixa cicatrizes e raramente se despede bem. O código não-verbal, talvez, possa ser mais frutífero para exprimir o sentimento de dor. Restauro que não alivia. Salutar é a dor do poeta!

A exposição *A dor da Colômbia*, de Fernando Botero, converge arte e literatura ao tematizar a dor como referência (inter/trans)textual da violência política em um contexto conservador naquele país. Da descrição dos acontecimentos ao registro visual, a mensagem de paz sobrepõe a temperatura da guerra e do sofrimento. Trata-se de uma exposição internacional exibida (em abril de 2007) na Galeria Marta Traba do Memorial da América Latina, em São Paulo.

São imagens de atos terríveis divididas em pinturas a óleo e desenhos realizados no período entre 1999 e 2004. Um conjunto de trabalhos de alto impacto dramático exhibe o testemunho de autoritarismo, dor, tortura; isto é, a larga produção da violência na América Latina. Nesses quadros, cenas fortes (para não dizer grotescas, escatológicas) em formas abundantes, cores vivas, lápis pastéis e carbono são instrumentos técnicos que emergem a tematização política. A exposição mostra imagens peculiares que remetem aos episódios gerados pelas ondas de violência que assolam o país – em especial nas décadas de 1980 e 1990. Tudo se transforma em um depoimento plástico crescente nas mãos do artista.

Desde os anos 50, Botero, de tempos em tempos, pinta quadros baseados em fatos reais da vida da Colômbia. São registros vivos no imaginário coletivo. Desenhos e aquarelas retratam o horror, a dor e os desastres do conflito colombiano, incluindo as deslocamentos de vítimas diretas e indiretas. Muito de seus trabalhos (d)enunciam as marcas de uma sociedade bastante oprimida pela trágica violência política. Firmam-se estilhaços da violência política da América Latina pela ótica realista do artista.

A obra, em geral, expõe com profundidade o sentimento de dor que impera na sociedade colombiana: o sofrimento sobre as ações de governantes e terroristas/narcotraficantes. Na verdade, são recheadas cenas do cotidiano de homens e mulheres, que trazem em seu semblante o peso de serem constantemente perseguidos pela sombra da morte.

Mais que isso, são ilustrações de cenas chocantes como, por exemplo, o medo de vítimas em posição de súplica; o aprisionamento em cárceres de pessoas inocentes militantes, guerrilheiros; matança, chacina e/ou execução de famílias por policiais e milícias; mães inconsoláveis sobre os caixões de seus filhos; a humilhação de homens nus vendados em seus cativeiros, sem qualquer esperança de fuga. Retrato de um olhar triste pelo impedimento de ação e/ou pedido de clemência faz a desesperança ser o ponto forte das imagens. O que fica é uma visão de injusta e violenta perseguição, que acaba derramando muito sangue inocente. São imagens artísticas de atrocidades obscenas. Nada mais trágico para estender a humilhação humana. Difícil entender!

O que surpreende neste conjunto de imagens – em efeito espiral da dor – convida o público a refletir sobre uma problemática política da América Latina. As imagens pontuais primam não só pelas qualidades técnicas do artista, mas também por representar a luta pela pacificação. Uma luta com causa política. Parece que o escopo do artista seria retratar a dor de um povo simples provocada pelos conflitos sociais que assolam o país, especialmente no Equador, para fogem as famílias afetadas.

As imagens abordam perspectivas alusivas ao desastre que abala a Colômbia há décadas e que, paulatinamente, tem também ocorrido em outros países da América Latina. É uma arte, eminentemente, política, de posicionamento humanitário. Por isso, as imagens declaram a situação crítica da dor para gerar diálogo e reflexão do público acerca da violência e seus efeitos na região. Cabe aos políticos, portanto, o papel de tomar atitudes para acabar com essa guerra.

Conhecido pelas imagens de figuras rechonchudas, Botero nesta exposição exhibe um outro foco – algo mais político –, tematizando a violência e a convulsão social em seu país. Sem abandonar seu estilo mundialmente famoso, por retratar as figuras humanas em formas arredondadas, o artista enfoca os episódios de atentados a bomba e a comoção social que tomou conta da Colômbia. Isso caracteriza o aperfeiçoamento de uma obra madura.

O artista em sua rebeldia latente preocupa-se em deixar transparecer na escritura de sua arte uma crítica que, estrategicamente, prega os difíceis momentos que a comunidade colombiana atravessa. Aqui, suas pinturas e desenhos realizam um comentário sociocultural e político-econômico. As obras tentam manifestar o desejo de paz, sem dor. Talvez, a expectativa dele é que a história dê conta do que está acontecendo, para que a dor não se perdue.

De natureza humorística à primeira vista, as pinturas de Botero são geralmente extensões temáticas para além de uma mera configuração plástica, estética, poética. De fato, a série não revela o lado humorístico do pintor, como na maioria de suas obras, pois projeta um relato confessional. Inevitavelmente, o que antes poderia ser cômico em suas obras, nesta exposição ganha ares de apelos agressivos, trágicos, de comoção social com imagens contundentes.

Não é um convite para tomar posição a favor ou contra um bando, mas uma aposta pela vida. O que amadurece e alberga o coração é a ausência de alegria na poética de Botero. Com cores e traços fortes, ele altera a recepção da informação, em benefício de colocar o debate sobre violência e dor na agenda social e política. Na verdade, o artista não se cala perante tal circunstância e reage a favor da dignidade humana.

* * *

Para finalizar, essas reflexões tecem de uma ontologia crítica sobre arte e literatura ao permear o tema silêncio o dor, em que o afeto possa pulverizar a abertura de uma possível leitura no contemporâneo. Portanto, trata-se de uma tentativa, com a qual a leitura instiga um debate. A reflexão é um convite ao obtuso instrumento de prazer.

Acredito que, a fragilidade que sutura silêncio e dor expressa no universo de arte e literatura culmina na valoração sensível. Ao coabitar o enlace estético, plástico e poético de Dardot e Botero, arte e literatura promovem uma suposta aproximação. É isso, talvez, que o leitor deva percorrer nas linhas acima apresentadas. Efetivamente, as idéias aqui enumeradas equacionam uma malha (inter/trans)textual proveniente dos chamados estudos contemporâneos.

Juntos, silêncio e dor fazem a agente se emocionar!

Referências Bibliográficas

EAGLETON, Terry. **Depois da teoria**: um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo. Trad. Maria Lucia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

_____. **A idéia de cultura**. Trad. Sofia Rodrigues. Lisboa: Temas & Debates – Actividades Editoriais, 2003.

GARCIA, Wilton. (org.). **Corpo & subjetividade**: estudos contemporâneos. São Paulo: Factash, 2006.

_____. **Corpo, mídia e representação**: estudos contemporâneos. São Paulo: Thomson Learning, 2005.